

---

---

## Notas Bibliográficas

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de: *Do Liberalismo ao Neoliberalismo*. O itinerário de uma cosmovisão impenitente. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 82 pp., 21 X 14 cm. Coleção: Filosofia, 75. ISBN 85-7430-010-1.

Este livro é composto dos dois primeiros capítulos de uma dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada na Universidade Federal do Ceará. O A. pesquisa essa onda neoliberal que se tem imposto depois da queda do socialismo.

A primeira parte traça, em breves linhas, o trajeto teórico da filosofia individualista passando pelo liberalismo clássico dos séculos XVIII e XIX ao neoliberalismo, cujo berço são as idéias liberais da Escola Austríaca da década de 40.

Um capítulo introdutório apresenta imagens que o ser humano se faz nas diferentes sociedades. Nos séculos XVII e XVIII firma-se o liberalismo como doutrina orgânica de princípios e leis fundamentais. "Das idéias capitalistas sobre a natureza da humanidade e suas necessidades de serem livres das grandes restrições econômicas é que nasce a filosofia do individualismo, que serve de base para o liberalismo clássico" (E. K. Hunt), resume o ponto de partida da reflexão teórica do A. Temos aí o *homo oeconomicus*.

No segundo capítulo expõe mais diretamente a filosofia do individualismo e o liberalismo clássico com suas fundamentações filosófica, política e econômica. O liberalismo reivindica direitos, fundamentados na concepção moderna de Direito Natural, e tenta controlar o poder político.

No capítulo seguinte aborda brevemente a crise do liberalismo, fruto da luta dos imperialismos econômicos, dos choques sociais, da incapacidade do Estado de garantir o conforto material para as massas.

No capítulo quarto estuda o início das idéias neoliberais ligadas à Escola austríaca fundada por von Mises (1881-1973). O ponto fundamental de partida é uma outra concepção de igualdade e liberdade.

Na segunda parte o A. começa apresentando o neoliberalismo como uma visão de mundo. O ser humano é um ser de necessidades e desejos. A sociedade existe através das ações individuais. O mercado é o princípio organizador do sistema social, coordenador das atividades econômicas. E o Estado existe como elemento de preservação do funcionamento do mercado.

No capítulo seguinte mostra o neoliberalismo na luta contra a mentalidade anti-mercado. As acusações contra o mercado, resumem os neoliberais, se reduzem ao fato de existirem pobreza, desigualdade de renda e riqueza, e insegurança. Tentam os neoliberais explicar sua razão como realidades inevitáveis e das quais se pode tirar proveito.

Termina o trabalho com rápido balanço crítico sob o aspecto epistemológico e suas conseqüências no mundo econômico. Recorre, na parte crítica, a F. Hinkelammert. A crítica mais contundente consiste no fato de que o neoliberalismo é uma utopia que subordina todo e qualquer tipo de liberdade à liberdade econômica. O mercado é verdadeiro tabu. E, na realidade, o mercado é a forma mais perversa de produção de exclusão social.

Este é um livro simples, breve. Apresenta resumidamente as idéias, fundamentando-as em fontes importantes. Trabalho acadêmico. Serve de uma primeira introdução ao tema tão atual do neoliberalismo.

JBL

HAMMAN, A.-G.: *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. Tradução do francês por Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997. 245 pp., 23 X 16 cm. Coleção: Patrística. ISBN 85-349-0834-6.

A pesquisa histórica sobre a vida cotidiana constitui um novo veio, muito fértil, da historiografia. É assim com verdadeira curiosidade que o leitor se aproxima deste livro. Embora não sendo seu campo de estudo, o recenseador ousa apresentar uma breve resenha da obra de A.-G. H.

Numa primeira parte, o A. se propõe a descrever o ambiente em que vive a Igreja no período em questão. É como que a "composição de lugar" para que contemplemos a vida da Igreja na época. Primeiramente o quadro geográfico (cap. I, pp. 11-25). Depois o modo de locomoção nessas imensas extensões (cap. II, pp. 26-40). Chama a atenção a questão das hospedarias e a conseqüente necessidade da hospitalidade como virtude cristã. Interessantes também os costumes ligados à correspondência epistolar, tão praticada pelas comunidades cristãs do tempo e que nos permite uma visão sobre sua vida. Por fim, é analisado o meio social (cap. III, pp. 41-58) de que provinham os cristãos: a fraternidade eclesial levava à convivência de irmãos e irmãs provenientes das mais diversas classes sociais, dos escravos aos patrícios, num cuidado de beneficência para com os mais necessitados. O problema das profissões dos cristãos é abordado a seguir, com o problema da contaminação com o paganismo numa sociedade fundamentada na religião romana. A condição da mulher também é tratada neste capítulo. O A. escreve: "O cristianismo agiu mais do que ensinou. Deu à mulher sua carta de nobreza cristã e a dignidade de uma existência desprezada pelo paganismo, ensinou com insistência sua igualdade com o homem" (p. 55). O recenseador duvida de que certas feministas subscreveriam esta afirmação.

Numa segunda parte, o A. pretende mostrar a forma como se faziam presentes no mundo os cristãos da época estudada. A presença deles no mundo é qualificada primeiramente como uma espécie de "contaminação" (cap. I, pp. 61-80) pelo exemplo de vida, pelo testemunho que resplandecia de forma especial na fraternidade vivida entre eles. O cap. II (pp. 81-108) mostra o cristão inserido e confrontado com a cidade pagã, o drama da dilaceração entre fidelidade religiosa e fidelidade de cidadão, numa sociedade, onde religião e pátria se identificavam. "O perigo que ameaçava os cristãos estava na rua, porque a opinião pública tinha papel considerável na Roma imperial como contrapeso ao seu autoritarismo" (p. 93). A forma diferente de os cristãos viverem no dia-a-dia levava a turba a suspeitar deles nos momentos críticos. Serviam de bode expiatório e a justiça entrava no jogo. Outro aspecto do confronto é a disputa no âmbito da filosofia. O A. faz desfilar diante dos olhos do leitor as críticas dos adversários intelectuais do cristianismo. O tom um tanto apologético desagradava ao recenseador. Um outro tom condiria melhor com a imparcialidade do historiador.

A terceira parte apresenta "o rosto da Igreja", sua organização e vida fraterna. Os ministérios são, pois, abordados no cap. I (pp. 111-130). Em largos traços aparece algo da transição da autoridade colegial ao monepiscopado. Em Roma a fusão do conselho presbiteral com o episcopo não se deu sem dificuldade. Um dado interessante de que há que tomar consciência é que, até Constantino, não existia local para reunir toda a comunidade cristã. As reuniões se realizavam por afinidade e grupos étnicos ou lingüísticos (cf. pp. 115). Sob o título de "carismas e instituição", o A. aborda principalmente os carismas extraordinários, marcadamente a profecia e sua exacerbação em seitas heréticas (em especial montanismo, marcionismo, encratismo...). Sublinha o papel moderador do episcopado. Os ministérios das mulheres – com exceção das diaconisas no Oriente – são mostrados como usurpação própria às seitas. A catolicidade já é vivida no seu sentido verdadeiro: unidade não significa uniformidade; pelo contrário, catolicidade implica pluralidade, variedade. Um último apartado é dedicado ao "primado romano", talvez com um pouco de exagero anacrônico, se se compara com a obra de Klaus SCHATZ: *El primado del papa. Su historia desde los orígenes hasta nuestros días*. Santander: Sal Terrae, 1996, 22-69 (cf. recensão em *Persp. Teol.* 29 [1997] 410-413). O cap. II (pp. 131-148) mostra a vida cotidiana dos cristãos em seu relacionamento fraterno que fazia os pagãos exclamarem: "Vede como se amam" (Tertuliano). A acolhida na comunidade, os cuidados com as viúvas, os órfãos, os necessitados, os mortos, os perseguidos são analisados e exemplificados à base da documentação existente no contexto dos costumes da época. Um item final aborda o tema dos recursos financeiros da comunidade, sua origem e administração. A terceira parte se encerra com um capítulo bem concreto de "retratos de família" (cap. III, pp. 149-165), no qual desfilam ante os olhos do leitor o bispo Inácio de Antioquia, o filósofo Justino, a escrava Blandina, o bispo e missionário Irineu de Lyon e Perpétua, a patrícia africana, jovem mãe de família. Todos eles mártires. (Sobre o martírio de Irineu os historiadores discutem, mas o A. não se refere a esse ponto).

A quarta parte trata mais especificamente sobre o cotidiano, em seu ritmo e em suas etapas. O cap. I (pp. 169-186) aborda o ritmo dos dias, entre traba-

lho, oração, lazer. Este último acarretava um sério problema de consciência para os cristãos, já que as possibilidades de lazer estavam sempre unidas com a idolatria e muitas vezes com práticas de moralidade inaceitável. No cotidiano cristão destaca-se a importância do domingo, o Dia do Senhor, com sua reunião eucarística. E dentre os domingos a festa cristã por excelência, a Vigília de Páscoa. O cap. II (pp. 187-212) trata dos grandes momentos (etapas) da vida cristã: batismo, matrimônio, morte. Também o problema do pecado na Igreja e das distintas posições da comunidade face ao membro pecador é abordado aqui. Entre o rigorismo e a misericórdia debatiam-se as opiniões e as práticas pastorais.

Na conclusão (pp. 213-216) o A. recorda rapidamente a tensão entre a espera imediata da Parusia e seu atraso, evocando a influência dessas atitudes na vida cristã que passa de uma mística da vinda imediata do Senhor ao desejo mais pessoal de unir-se a Cristo na glória.

Depois de uma "nota bibliográfica" (p. 217) (leia-se: abreviaturas e siglas), seguem-se as notas (pp. 218-243). O livro encerra com uma espécie de quadro cronológico, infelizmente de péssima apresentação gráfica. Lamentável é a idéia de colocar todas as notas juntas no final da obra. Obriga o leitor consciente de não estar lendo um romance, mas uma obra de pesquisa, a voltar constantemente e procurar no emaranhado de notas o dado que deseja obter. O trabalho do leitor é dificultado pela falta de uma numeração contínua dos capítulos.

Não sendo historiador, o recenseador não pode dar sua opinião sob esse ponto de vista, mas como teólogo sistemático que recorre constantemente à patrística, alegrou-se de encontrar um quadro tão vivo e bem descrito do contexto dos escritos cristãos do séc. II.

FT